

## Sinal Fechado: desafios dos artistas de rua na cidade de Florianópolis (1999-2009)

DÉBORA MENDES BREGUE DANIEL<sup>1</sup>

Os anos de 1999 e 2009 foram cruciais para os artistas de rua da cidade de Florianópolis. A Prefeitura Municipal da cidade executou duas ações que influenciaram diretamente na (não) presença dessas pessoas nos espaços urbanos da cidade. A primeira delas foi a reforma na Praça XV de Novembro em 1999 que culminou, entre outras coisas, na expulsão dos artesãos; e a segunda, em 2009, foi a proibição da prática dos malabaristas nos semáforos da cidade em 2009.

A primeira ação foi tomada sobre o pretexto de restaurar a Praça XV. Localizada no coração da cidade, de onde saem (saíam) suas principais artérias, a praça faz parte do chamado Centro Histórico e compõe, junto com a Catedral Metropolitana, o Núcleo Fundante da cidade. Muito arborizada, é nela que sobrevive ao tempo a velha figueira, com seus gigantes galhos espreguiçados a proporcionar metros de sombra sobre os bancos; e os *petit pavê* em preto e branco, sob os pés dos transeuntes, que formam um admirável mosaico elaborado por Hassis<sup>2</sup>. Garbosa, atrai também os mais curiosos visitantes que, ao saber de algumas simpatias, entretêm-se em dar voltas na centenária árvore. Além dela, fícus indianos, palmeiras imperiais e cravos da índia parecem conviver em sintonia com os bustos do poeta Cruz e Sousa; do pintor Víctor Meirelles; do historiador, José Boiteux; e do fundador da imprensa catarinense, Jerônimo Coelho.

Pela sua localização, a praça é um local de passagem imprescindível para grande parte das pessoas que moram ou trabalham no centro; e, pelo bem estar que a sua natureza proporciona, é um local de estar. Por isso, dentre seus fiéis frequentadores estão os aposentados que se sentam nas mesas a jogar. Não raro, com um ou outro engraxate a lustrar seus elegantes sapatos. A praça é ponto turístico obrigatório e, por isso, atrai também muitos artesãos e músicos que vêem naquele espaço um verdadeiro *oasis* em meio à loucura do centro da cidade.

A reforma na Praça XV no final do ano de 1999, contudo, mudaria os usos daquele espaço. Para que ela ocorresse, os “ambulantes” ou “feirantes” como aparecem

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF

<sup>2</sup> Artista plástico de Florianópolis.

em alguns jornais, seriam deslocados para Rua Victor Meirelles. Segundo publicado no Jornal *O Estado* de 19 de novembro de 1999, a assessoria da Fundação Municipal do Meio Ambiente (Floram) disse que “a saída dos artesãos é necessária para que as reformas da praça comecem o quanto antes (...) A reforma inclui restauração dos monumentos, recuperação do coreto e do piso, colocação de bancos e mesas, além de ajardinamento e limpeza das árvores”.

Segundo a matéria do jornal,

A Prefeitura Municipal de Florianópolis deu um prazo de 15 dias, contados a partir de hoje, para que os feirantes da Praça XV mudem de local. O objetivo da saída dos artesãos é deixar o local livre para a realização de uma reforma por toda a praça. Os feirantes serão deslocados para a rua Victor Meirelles<sup>3</sup>.

A notícia não foi bem aceita pelos artesãos da Praça XV, gerando revolta. De acordo com o Presidente da Associação dos Artesãos da Praça XV (Associart XV) na época, Carlos Alberto da Silva, o espaço da Praça era ocupado por eles desde 1968, sendo cerca de 80 pessoas que trabalhavam em estandes espalhados por ela<sup>4</sup>.

Ainda como consta na matéria do Jornal *O Estado* de 01 de dezembro de 1999,

A polêmica começou com um projeto da prefeitura de fazer uma reforma na praça, e para tanto era necessário a saída dos artesãos. Eles acabaram vendo na proposta uma forma de expulsá-los do local definitivamente. No protesto, a prefeita Angela Amim acabou sendo acusada de tentar empurrar a pobreza para a periferia. Os manifestantes saíram da praça e foram em direção à sede da prefeitura na rua Conselheiro Mafra, passando pelas principais ruas do Centro.

Segundo o presidente, em julho foi realizada uma reunião na qual ficou acertada que a prefeitura discutiria com os artistas qualquer alteração no local. Nós vamos permanecer na praça e passamos a responsabilidade de qualquer coisa para a prefeitura”, disse Silva. Para ele, os artesãos aceitam uma outra proposta desde que eles não saiam prejudicados.

(...)

De acordo com Silva, cerca de 600 pessoas, que formam os familiares dos artesãos, dependem dessa fonte de renda.<sup>5</sup>

E assim, como previam os artesãos, eles não voltaram a trabalhar na Praça XV com a sua reinauguração. Também não se instalaram na Rua Victor Meirelles como previa o projeto da Prefeitura. Como fala Rogério Proença Leite, no livro “Contra-usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea”, certas

---

<sup>3</sup> Artesãos vão deixar Praça XV. **Jornal O Estado**. Publicado em 19/11/1999.

<sup>4</sup> Artesãos fazem protesto. **Jornal O Estado**. Publicado em 01/12/1999.

<sup>5</sup> Idem.

manifestações não se estruturam em qualquer rua, “mas apenas em certos espaços, os quais têm sentidos para os atores envolvidos.” (LEITE, 2007: 197).

No primeiro momento, após o fechamento da Praça XV, os artesãos foram remanejados para o entorno do antigo Terminal Urbano Cidade de Florianópolis, e alguns, registrados pela Prefeitura, puderam também montar seus estandes na Praça Fernando Machado, situada em frente ao Antigo terminal e logo abaixo da Praça XV. Devido às condições do local, em meio à fumaça da queima do óleo diesel dos ônibus e à falta da natureza antes ostentada na antiga Praça, muitos artesãos foram, gradativamente, abandonando estes espaços do centro da cidade e buscando um novo ambiente mais inspirador onde pudessem executar sua ação.

A outra ação da Prefeitura, ocorrida em 2009, e que marca a vida dos artistas de rua, diz respeito à Portaria emitida pela Prefeitura de Florianópolis, em 30 de junho de 2009, que determinou a retirada dos malabaristas dos semáforos da cidade de Florianópolis. Segundo a matéria publicada no Jornal *Diário Catarinense* de 21 de julho de 2009, os “artistas de rua estão proibidos de trabalhar em Florianópolis”<sup>6</sup> e,

Segundo o engenheiro José Carlos Ferreira Rauem, secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano de Florianópolis, muitos dos chamados artistas são estrangeiros e não têm autorização para trabalhar no Brasil.

- Não queremos esse tipo de trabalho aqui. Florianópolis limpou desde o início da fiscalização. Quero uma cidade com noção de organização administrativa - diz o secretário. (LEITE, 2007: 197)

Há nesta matéria, a inserção de outro elemento no discurso do poder público acerca do artista de rua: ser estrangeiro. Por tal afirmação é que várias declarações em protesto à Portaria acusam a Prefeitura de Florianópolis de xenofobia em relação aos artistas. Embora este elemento não apareça como questão principal no contexto da expulsão dos artesãos da Praça XV, o depoimento de Luizimar Antônio da Silva ao Jornal *O Estado*, do dia 19 de novembro de 1999, mostra que este conflito entre “nativos” x “estrangeiros” também estava presente. De acordo com Luizimar, artesão que trabalhava há mais de dez anos no centro de Florianópolis,

---

<sup>6</sup> Malabaristas estão proibidos de trabalhar nas ruas de Florianópolis. **Portal ClicRBS/ Diário Catarinense** em 21/07/2009

“Isso é muito errado. O que a praça precisa é melhorar a segurança à noite onde vivem no local drogados, prostitutas e mendigos”, afirmou. Segundo ele, se houvesse o cadastramento dos artesãos de Florianópolis, a praça não ficaria cheia e o trabalho no local seria prestigiado. “Cerca de 40% dos artesãos que estão aqui são de outros países”, disse. De acordo com dados da Susp, só trabalham no local artesãos cadastrados e autorizados para aquela finalidade.<sup>7</sup>

Ambas as medidas da Prefeitura propunham uma transformação do espaço urbano baseadas no discurso da segurança e da legalidade dos artistas de rua, em sua maioria, estrangeiros. No livro “Confiança e medo na cidade” Zygmunt Bauman fala que,

A insegurança moderna não deriva da perda de segurança, mas da “nebulosidade (*ombre portée*) de seu objetivo, num mundo social que ‘foi organizado em função da contínua e laboriosa busca de proteção e segurança’. A aguda e crônica experiência de insegurança é um efeito colateral da convicção de que, com as capacidades adequadas e os esforços necessários, é possível obter uma segurança completa. Quando percebemos que não iremos alcançá-la, só conseguimos explicar o fracasso imaginando que ele se deve a um ato mau e premeditado, o que implica a existência de algum delinqüente. (BAUMAN, 2009:15)

De acordo com o sociólogo, nos últimos anos houve uma forte tendência a sentir medo e uma obsessão maníaca por segurança. A falta desta, e a idéia de que o perigo está em toda parte levam a reações como a xenofobia. Esta suspeita de um complô estrangeiro nada mais é do que um reflexo perverso da tentativa desesperada de salvar o que resta do local (BAUMAN, 2009:21). A consequência é o descarte de produtos indesejáveis para lugares onde não se possam fazer ver, os “espaços marginais” ou os “*off-limits*”

Num outro viés, há na mesma cidade, outra Praça, a Bento Silvério, na Lagoa da Conceição. Bastante freqüentada, esta se diferencia da Praça XV primeiro, por estar localizada em um bairro, afastado do centro, que circunda uma grande lagoa de água salgada; e, segundo, por se constituir numa alternativa de lazer pela presença de muitos bares, cafeterias, lojas, além da paisagem hipnotizante da Lagoa. Nela, não só se permite a exposição de artesanatos feitos por artistas, como também é nela que acontece semanalmente o encontro de “malabares”, onde os artistas trocam idéias, aperfeiçoam e/ou aprendem novas técnicas.

---

<sup>7</sup> Artesãos vão deixar Praça XV. **Jornal O Estado**. Publicado em 19/11/1999.

A partir desta última informação é possível perceber que há diferentes configurações de territórios na cidade (ruas, praças), onde em alguns a presença e práticas de artistas de rua são proibidas e, em outros, onde não só é permitida a ação desses artistas, como sua presença constitui um elemento atrativo do lugar. Ou seja, há duas praças que constroem sentidos diferentes em relação aos artistas de rua.

Diante desse quadro, é possível perceber que as questões dos espaços urbanos e das políticas públicas para os artistas de rua na cidade de Florianópolis perpassam distintos territórios e discursos do poder público acerca da cidade desejada e as suas representações. Para tanto, os anos de 1999 e 2009 são marcas temporais e recorte desta pesquisa devido a forte segregação social dos espaços urbanos, para os artistas de rua na cidade.

Essa segregação social, polarizada por vezes entre os “turistas” e os “vagabundos”; os “nativos” e os “estrangeiros”; assim como outras disputas reveladas, na concepção de Márcia Fantin, como uma “Cidade Dividida” (FANTIN, 2000:18), fazem parte de conflitos em torno de um projeto de cidade e, colocam-se em questão o direito à cidade e as utopias urbanas.

Esse conflito fica mais evidente nos depoimentos desses artistas de rua. Um dos malabaristas entrevistados para a pesquisa “Fronteiras adentro, estradas afora: experiências de viajantes na América do Sul (1990-2009)”, antes da proibição de performances circenses nos semáforos em 2009, um deles alertava o seguinte: “às vezes as pessoas não te dão valor, te menospreza, porque te vê ali trabalhando e acha que tu ta pedindo esmola. Mas é o trabalho que a gente faz, é uma arte”<sup>8</sup>. As palavras do chileno Miguelito mostram que há um comprometimento com a arte que eles estão fazendo e não é apenas uma troca por dinheiro. Ele continua dizendo,

Tem algumas pessoas que valorizam mesmo. E esse é um grande problema que tem até agora, que tem umas pessoas que até agora não se conscientiza de que é uma arte, o malabar, que a gente ta fazendo por gosto, né. E porque dá uma alegria para as pessoas também. Aí chega um aí e vai falar ‘Ah, eu não preciso!’ A gente precisa também ganhar um dinheiro, mas as pessoas precisam dar valor.

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida a autora por Miguelito (nome fictício), na cidade de Florianópolis, em 18/03/09.

Aparece na fala de Miguelito também a questão da arte e do reconhecimento do seu trabalho como arte. A narrativa de Miguelito, assim como a de outros artistas que foram ouvidos ao longo da pesquisa, são de extrema importância carregam consigo a experiência do vivido.

Por ter um recorte tão contemporâneo, esta pesquisa se enquadra dentro da chamada História do Tempo Presente, onde há pouco distanciamento entre o pesquisador e o objeto, pois “não há instrumento de referência, tudo está por fazer” (CHAVEAU; TETARD, 1999:19) E, para tornar essa pesquisa possível, estão sendo utilizadas três tipos de fontes e metodologias. Serão feitas pesquisa e análise dos jornais *Diário Catarinense*, *O Estado* e *A Notícia* dos anos de 1999, 2000 e 2009<sup>9</sup>. Desta última data também serão analisadas as notícias que circularam em Portais na internet como *ClicRBS*, *Folha.com*, entre outros que serão ainda selecionados, levando-se em consideração o cuidado metodológico ao fazer uso de novas fontes, como a internet, a exemplo dos fragmentos que compõem esta comunicação.

Quanto à metodologia, entendem-se os jornais como “senhores da memória”, já que de uma certa forma determinam o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido (BARBOSA, 2005:413). Portanto, eles serão utilizados buscando identificar na sua escrita como as ações, de readequação dos usos dos espaços urbanos por parte do poder público, são apresentadas aos leitores. Outro objetivo para utilização dessa fonte é perceber que tipo de discursos esse meio de comunicação produz acerca dos estrangeiros, especialmente os artistas de rua. Se a imprensa se apresenta como prática social - constituindo modos de viver e pensar, não se pode deixar de levar em consideração que ela também faz parte “de uma rede de comunicação que se constitui historicamente, numa correlação de forças opostas, em formação, e de interesses que se cruzam”. Assim sendo, é também “dimensão constitutiva dos acontecimentos”, produzindo opiniões, visões de mundo, divulgando projetos e constituindo memórias (BARBOSA, 2005:413).

Outra fonte utilizada será a oral, a exemplo da narrativa de Miguelito exposta acima. Em se tratando de uma história inscrita no Tempo Presente, o uso de depoimentos dos personagens que estão vivenciando ou vivenciaram o processo é imprescindível. Para isso serão colhidos os depoimentos dos artesãos, malabaristas,

---

<sup>9</sup> No ano 2009, o Jornal *O Estado* já estava fora de circulação.

músicos, estátuas vivas e demais artistas de rua, dando atenção aos cuidados que o trato com a história oral requer. Neste trabalho a história oral é entendida como define Alessandro Portelli, “um discurso dialógico”, criado a partir não só do que o entrevistado diz, mas também pelo que os historiadores ouvem, dizem ou escrevem.(PORTELLI, 2001:10)

Logo, o uso que se faz das entrevistas é o momento crucial para a boa interpretação desses discursos como documento histórico, pois como fala Janaina Amado, ao trabalhar com fontes orais, o historiador pode se “envolver pelo ambiente das entrevistas, esquecendo-se de seu papel profissional” (AMADO, 1997). Isso acontece porque a “História Oral não está calcada em interpretações de documentos, mas em relações humanas” (AMADO, 1997).

Por último, serão também analisados os documentos oficiais, entre eles: leis, decretos e portarias, de autoria do poder público de Florianópolis, nos anos de 1999 e 2009, que versem sobre normas e readaptações para os espaços urbanos, buscando neles também elementos que sirvam para entender esta cultura política da segregação dos espaços urbanos da cidade a partir da escrita oficial.

Como se trata aqui sobre estudos de cidades, especialmente acerca de espaços urbanos na contemporaneidade, esta pesquisa se insere dentro de um caráter interdisciplinar, buscando diálogos entre a historiografia e outras áreas de conhecimento como a arquitetura, antropologia e a sociologia.

No que tange à historiografia, esta pesquisa segue a perspectiva da chamada Nova História Política, não mais focada no Estado e suas formas de dominação, mas num contexto de redes de sociabilidades onde aparecem discursos e representações, por exemplo, na mídia e/ou na opinião pública. Esses objetos de pesquisa compõem uma noção de cultura política que, segundo René Rémond, é um dos elementos dessa renovação da História Política (REMOND, 2003).

Como base para pensar a História da Cidade ou Historiografia das cidades, a pesquisa busca entender a formação de um saber sobre as cidades e as questões suscitadas no contemporâneo. Segundo diz a historiadora Maria Stella Bresciani, em resumo ao artigo “A Cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada”, publicado na Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Estudar cidades implica estabelecer conexões variadas em relação a própria experiência vivenciada e segundo ela, o

interesse intelectual por esse tema nasce das questões do presente, mesmo que para elucidar tais questões brotadas do presente se tenha que retroceder um pouco no tempo (BRESCIANI, 2004).

Por serem os personagens dessa pesquisa em grande número estrangeiros, há que analisar os contextos de disputas da cidade confrontando com a vocação turística inscrita a cidade. Como pode haver conflitos entre nativos e estrangeiros num cidade turística? Para pensar sobre esta questão e outras relativas ao visitante desejado, serão analisado os livros “Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização”(CANCLINI, 1995) e “Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade”(CANCLINI, 1997) do antropólogo argentino e radicado no México, Nestor Garcia Canclini. Ambos tratam da mudança da forma de vida nas grandes cidades gerada pelo processo de globalização. O primeiro apontando questões relativas ao “marketing” e a uma “indústria da comunicação”; e o segundo, tentando “compreender o nível de hibridização ao qual as culturas atuais alcançam e, portanto, requerem outros instrumentos conceituais”, ou seja, fala da complexidade das culturas urbanas no tempo presente. (CANCLINI, 1997).

Como a projeto está em início de desenvolvimento, este trabalho não tem objetivo de mostrar os resultados integrais, nem mesmo parciais da pesquisa. A finalidade desta comunicação é compartilhar sua problemática, as possíveis fontes, os caminhos percorridos, a metodologia que será aplicada, além de discutir as questões dos espaços públicos e políticas públicas tão pertinentes aos estudos sobre as cidades contemporâneas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaina. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. **Dossiê Ética e História Oral**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, abril de 1997, vol. 15.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. **Sobre História: Imprensa e Memória**. Revista Viva! São Paulo, Editora Abril, n.323, 9 de dezembro de 2005. Sessão Fatos da Semana.

BAUMAN, Zygmunt.. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2009.

BRESCIANI, Maria Stella. A Cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada.



**Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** – v.6, n.2, 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos** : conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1995.

\_\_\_\_\_. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997

CHAUVEAU, Agnes; TETRARD, Phillippe. **Questões para a História do presente**. Bauru. Edusc, 1999.

FANTIN, Marcia. **Cidade dividida**. Florianópolis: Futura, 2000.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-Usos da Cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2. ed., rev. e ampl. Campinas: Ed. Unicamp, 2007

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como Gênero** / tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. Proj. História, São Paulo, 2001.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOUZA, Almir Antonio de. **Mãos de magia nas malhas do poder: a feira de artesanato da Praça XV em Florianópolis – Entre lutas e resistência – (1969 – 1999)**. Monografia (especialização em História Social) – Centro de Ciências Humanas e da Educação – UDESC).

#### **PERIÓDICOS:**

Artesãos vão deixar Praça XV. **Jornal O Estado**. Publicado em 19/11/1999.

Artesãos fazem protesto. **Jornal O Estado**. Publicado em 01/12/1999.

Malabaristas estão proibidos de trabalhar nas ruas de Florianópolis. **Portal ClicRBS/Diário Catarinense** em 21/07/2009